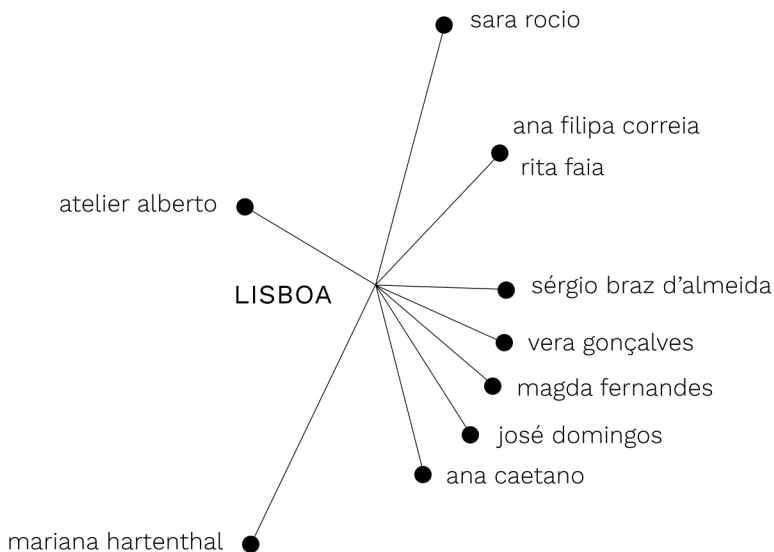


PARADISE found

EXPOSIÇÃO COLETIVA
CASA DO JARDIM DA ESTRELA



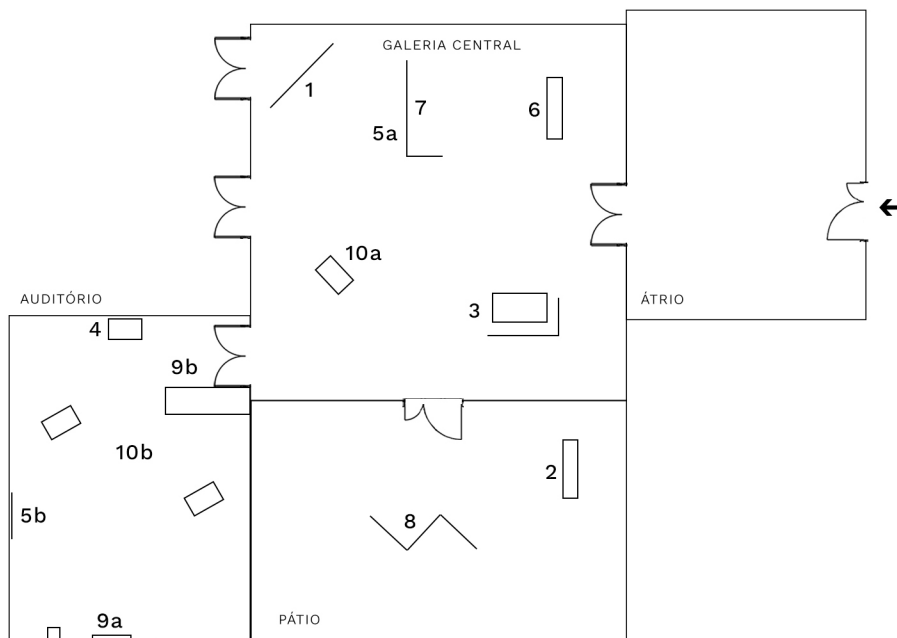
24 agosto - 18 setembro 2024

ter-s b 10:00 - 18:00

oficinas

visitas guiadas

publicação



1. TAPADA DAS NECESSIDADES

ana caetano

e se fôssemos um só corpo?

cianotipia sobre tecido, k-line e fio de algodão

2. JARDIM DO CAMPO GRANDE

ana filipa correia

cianotipias sobre papel de aguarela, processadas em água, carbonato de sódio e café.

Espelho de água

3. PARQUE SILVA PORTO - MATA DE BENFICA

atelier alberto

cianotipia e van Dyck Brown sobre papel de aguarela

4. JARDIM DA ESTRELA

josé domingos

paraíso velado

livro de artista com impressões em papel de gelatina e prata, reveladas com taninol, cianotipias, colagem, texto

5. JARDIM DAS AMOREIRAS

magda fernandes

(5a) impressões com diazo, goma arábica e carvão em pó sobre papel de bambu; (5b) projeção de fitogramas em película

6. JARDIM BOTÂNICO TROPICAL

mariana hartenthal

instalação: desenho com tintas naturais sobre papel de arroz, cilindro de vidro com água e tinta natural, boia e barco de papel

7. JARDIM DO CAMPO GRANDE

rita faia

cianotipia com viragem a café sobre papel de bambu; antotipia de spirulina sobre papel artesanal de sementes; folhas de eucalipto

8. PARQUE BOTÂNICO DO MONTEIRO-MOR

sara rocio

cianotipia branqueada sobre papel japonês (árvores), pastel seco e pó de carvão sobre papel japonês (céu) e aguarelada sobre papel japonês (ar)

9. JARDIM DA GULBENKIAN

sérgio braz d'almeida

Ophelia

(9a) 1. vídeo: projeto Ophelia; 2. Ophelia em caixa de petri com cultura de algas; 3. o lago (aquário com Ophelias); 4. o início (materiais utilizados); (9b) 5: cadáveres (Ophelias depois do lago, impressões em tinta fotossensível de microalgas sobre papel de aguarela)

10. ESTUFA FRIA

vera gonçalves

(10a) antotipia sobre tecido, à base de curcuma, processada com carbonato de sódio; (10b) cubos iluminados: impressões em cianotipia sobre vidro

1. TAPADA DAS NECESSIDADES

ana caetano

Lisboa, 1970

A TAPADA DAS NECESSIDADES é um dos espaços verdes mais antigos de Lisboa (séc. XVIII) com cerca de 10 hectares, rico em arquitetura e vegetação. Existem espécies raras de árvores que vieram de diferentes países e também uma das maiores coleções de cactos do mundo.

Escolhi a Tapada das Necessidades por ser um jardim perto de minha casa com muita sombra e pouca gente, convidando nesta altura quente do ano, a passeios frescos. Optei por usar o lixo como ponto de partida deste projeto:

- Recolhi no jardim elementos do chão: folhas, flores, paus, penas, rastros da vida vegetal e animal que ali existe.
- Recuperei um lençol usado e danificado, destinado a um fim também, que rasguei em pedaços para usar como suporte.

A cianotipia foi o processo que me permitiu fixar imagens destes vestígios orgânicos. As minhas mãos foram ao seu encontro, tal uma presença fantasma que segura, toca, brinca... um corpo dançando com a natureza. Assim como os retalhos de tecido que se apresentam suspensos, se movem em resposta ao ar que por ali circula e às pessoas que por ali passam.

<instagram.com/ana_caetano>
<behance.net/anacaetano1970>

2. JARDIM DO CAMPO GRANDE

ana filipa correia

Lisboa, 1986

O JARDIM DO CAMPO GRANDE é um amplo espaço verde no centro de Lisboa. Nele encontramos um grande lago, que acolhe e contém a representação imagética dos diferentes elementos do jardim, mostrando-os.

Simultaneamente, o lago lembra e constrói o diálogo entre dois mundos visuais, o exterior e o representado.

Optou-se, neste trabalho, por fotografar indirectamente alguns fragmentos do jardim abarcados na superfície do lago,

colocando-os no mesmo plano estético. Foram produzidas 15 séries de 10 imagens, de tal forma que nenhuma combinação de representação visual no tempo se repete.

Isoladamente, cada uma das 150 imagens seria um espelho no seu primeiro e único reflexo. Mas é a face do lago que concede, a cada instante e ao conjunto, o movimento e a continuidade de um tempo representado que é intermitente e transitório.

Na impressão das imagens optou-se por usar a cianotipia, técnica que aproxima a prática artística da sustentabilidade, e o café e o carbonato de sódio foram utilizados para manipular a cor dos cianotipos.

<instagram.com/a.ana.filipa>

3. PARQUE SILVA PORTO

atelier alberto

Maria Lopes, Luanda, 1976

Hugo RC, Lisboa, 1974

O PARQUE SILVA PORTO fica, tal como o Atelier Alberto, na freguesia de Benfica. Vulgarmente conhecido como MATA DE BENFICA, este jardim pouco foi alterado desde a sua abertura em 1911. Enquanto jardim centenário, esconde uma infinidade de memórias e histórias de centenas de crianças que, desde os anos 60 do século XX, sobem e descem as suas rampas para irem estudar na Escola Primária nº 124 (conhecida como Escola da Mata, atual EB/JI Parque Silva Porto). Entre estas está o Hugo que, para além de a usar como caminho para a escola entre 1980 e 1984, também por lá brincou muito na companhia de pais e irmão.

O trabalho apresentado centra-se em três questões: Recolha, Memória e Lugar. Recolha e registo de objetos; Memória de um correr de infância; Lugar dos que reconhecem naquele espaço um pouco da sua vida.

Particularmente interessados nas questões da Memória e em espaços que se tornam Lugares pelo significado que o tempo lhes dá, a Mata de Benfica abriu-se a um enorme manancial de possibilidades.

4. JARDIM DA ESTRELA

josé domingos

Massy, 1974

"Entro no jardim, percorro os seus caminhos, ... acabo por me sentar numa pedra, à minha frente como que saída de uma gruta ergue-se uma imagem iluminada por uma tênue luz de outono, este ambiente confere-lhe uma aparência quase divina. Neste jardim que "pertence" a Guerra Junqueiro encontro-me com Antero de Quental, é com ele que venho conversar - questiono-o sobre o Paraíso..."
J.D., Jardim da Estrela, Dia 1 - 2 de novembro de 2020, 12 horas e 37 minutos

No outono de 2020, em plena pandemia observei o JARDIM DA ESTRELA, e, numa espécie de auscultação mediada por um gravador, registei vários sons do ambiente que ali se vivia, tais como: pássaros, patos, sinos, trotinetes e bicicletas, aulas de ginástica para grávidas, um grupo de crianças que veneravam uma árvore imensa, o vento que soprava as folhas nas árvores... Alguns dias mais tarde, partindo dessas "paisagens" sonoras, voltei ao jardim, com uma câmara artesanal, feita de cartão e que tinha como objetiva uma lupa, para tentar reproduzir as imagens que correspondessem a essas paisagens sonora. Algumas dessas imagens foram expostas em 2021 e retratavam aquilo a que na altura chamei de "Paraíso Velado".

Em 2024, apresento de novo essas imagens, agora em vez de expostas na parede, elas estão dispostas neste livro – quase álbum de família. Talvez não seja um álbum de família, nem tampouco uma caixa onde costumamos guardar todas as memórias e fotografias que foram impressas desde que nascemos. (...)

5. JARDIM DAS AMOREIRAS

magda fernandes

Amarante, 1981

O JARDIM DAS AMOREIRAS foi o lugar escolhido por Vieira da Silva para acolher o seu acervo. As árvores que lhe dão nome (e que partilham agora o espaço com uma variedade imensa de outras espécies) alimentavam os bichos-da-seda, que alimentavam por sua vez a fábrica de tecidos, futuro edifício do Museu. Ao seu lado, ergue-se a imponente Mãe d'Água. Neste espaço, impõem-se desenho e estrutura, contrastando com a natureza orgânica das árvores centenárias. Este jardim faz parte do meu território emocional especialmente pela admiração artística e humana pelo casal que o "habita": Maria Helena e Arpad. Procurando o desenho e as estruturas – não os da pedra e de cimento, ou mesmo o dos quadros que observo aqui ao lado, mas os que se escondem também nos espécimes que se podem recolher no jardim – flores, folhas, frutos, fungos – observo-os com o olhar de um pequeno inseto, cada pequena porção uma nova paisagem.

"Il n'existe pas dans la nature de fragments. Le plus petit des morceaux est encore le tout. Chaque miette est l'univers..."
In "Les Ombres Errantes", Pascal Quignard

<imagerie.myportfolio.com>

6. JARDIM BOTÂNICO TROPICAL

mariana hartenthal

Salvador, 1977

Ao lado da réplica da casa colonial na Exposição do Mundo Português havia seis esculturas representando serpentes posicionadas ao redor de uma pequena fonte.

Se o Eden era o jardim da pureza, o paraíso na terra, como podia também abrigar a Serpente, mensageira do pecado que envenena a mente de Eva? A Serpente anuncia que delito e delícia andam de braços dados na criação de novos mundos. Ao desafiar a ordem divina para seguir o seu desejo, Eva engendra a criação de um mundo onde trabalho e dor são condição e consequência das vontades.

As primeiras feitorias portuguesas no Norte da África foram fundadas para o comércio do trigo. No entanto, o que impulsionou as conquistas de terras distantes não foram grãos de subsistência, mas o desejo por substâncias que seduzem os sentidos e alteram o espírito. Os sabores e o lucro prometidos pelas luxuosas especiarias da Índia inflavam as velas das naus.

O potente corante do Pau-Brasil, árvore hoje quase extinta, produz vestimentas em uma grande variedade de tons rubros tão belos que originaram um país. O café, o cacau e a cana-de-açúcar são delícias tão cotidianas que é fácil esquecer os terrores que trouxeram e trazem às terras que as produzem. Territórios um dia distantes introduziram substâncias ainda mais desejadas e menos inocentes, cuja produção e consumo engendram uma abundância de tragédias, como o tabaco e a coca (até hoje um útil anestésico). Não é à toa que os trópicos foram identificados como zona viciosa e viciante, paraíso e inferno, local de promessa e perdição.

<marianahartenthal.com>

7. JARDIM DO CAMPO GRANDE

rita faia

Lisboa, 1987

O JARDIM DO CAMPO GRANDE é um dos mais antigos locais de passeio da população lisboeta. Foram várias as remodelações que o transformaram ao longo dos séculos, de área de cultivo a espaço verde urbano.

Este jardim pertence às minhas memórias de infância, passeios em família e idas ao parque, que recorro em álbuns de fotografia. Nas imagens destacam-se as palmeiras por entre a vegetação, e o lago onde passeiam famílias em barcos a remos. A área do jardim é extensa e a paisagem envolvente, com muitas árvores e arbustos a encobrir o rebuliço da cidade. Os passeios repetiram-se por muitos anos, mas então cresci e o ambiente do jardim mudou, não voltámos mais.

Em 2020, durante a pandemia de Covid-19, regressei ao Jardim do Campo Grande. Foram preciosos os minutos que passei a percorrer os trilhos debaixo da sombra das árvores e em que o tempo parecia abrandar. O calor libertava os aromas do jardim no ar, e eu escutava o vento a agitar as folhas das árvores e o chilrear dos pássaros que passavam por entre os seus ramos.

Desde o início do séc. XX que é reconhecida a importância da arborização das ruas e jardins, não apenas para a salubridade das cidades, mas como espaços de sombra, refúgio e tranquilidade. As árvores desempenham um papel fundamental no nosso ecossistema, não apenas pela regulação do clima e da qualidade do ar, mas também pelo efeito terapêutico que têm sobre a nossa saúde mental. A coexistência com a natureza é essencial para uma melhor qualidade de vida da nossa sociedade.

<ritafaia.pt>

8. PARQUE DO MONTEIRO-MOR

sara rocio

Lisboa, 1971

(...) Mas depois, um jardim tem uma perversão deliciosa, alguns são perfeitos exemplares do acto de amar. Oferecer um jardim por amor, moldá-lo às fantasias mais secretas, desejos mais ocultos, construir-lhe os cheiros e nuances de cores, levar ao emaranhado do sentimento, entre caminhos sombrios e luminosos, aos toques suaves e ásperos das folhagens, isolá-lo do exterior (isolá-lo do exterior). O amor não é uma coisa pública. Olho para cima, observo a copa das árvores, e abstenho-me de entrosar com o espaço. Deixo-me ficar a ouvir.

Todo o meu trabalho é inconcluso.

Esboços inacabados.

Difícilmente penso na finalização, porque entendo que está tudo ligado.

Entretanto, crio ensaios.

Pouco me interessa a precisão realista da fotografia, admiro-a e deslumbra-me, porém, procuro o que vejo por dentro e não por fora.

Na brutalidade do erro do meu olhar, e no descontrolo que se instala na imprecisão do meu processo, realizo.

Trabalho com filme, revelo, amplio.

Tudo muito lento.

O tempo não opera a meu favor. Porque a urgência do mundano e da sobrevivência, travam.

<sararocio71.wixsite.com/sara-rocio>

9. JARDIM DA GULBENKIAN

sérgio braz d'almeida

Lisboa, 1979

Tudo começou no JARDIM DA GULBENKIAN. Os humanos têm a tendência a pensar que os jardins foram feitos para eles. Não estão enganados, mas os jardins também são feitos para todo um conjunto de plantas e animais que encontram aqui o seu habitat. No Jardim da Gulbenkian tudo nos encaminha em direcção ao lago. A água não atrai apenas humanos, atrai todo um conjunto de animais até si. Todos precisamos de água para sobreviver. Da mesma forma que não conseguimos desassociar água da vida, também não conseguimos deixar de desassociar o Jardim da vasta colecção de arte da Fundação Gulbenkian.

Não sei se será por isso, mas neste jardim há mais pessoas a ler livros. Enquanto olhava para o lago e pensava em tudo isto, cheguei à conclusão que a mesma água que desesperadamente necessitamos para viver, pode também ser sinónimo de morte. Um pescador afogado, ou de uma forma mais poética, a Ophelia. Sim, aquela do Hamlet. Descobri que a colecção da Gulbenkian tem um broche de René Lalique em ouro representando, nas palavras da fundação: “a trágica morte de Ophelia por afogamento”.

10. ESTUFA FRIA

vera gonçalves

Beja, 1980

Em 1935, a ESTUFA FRIA era um dos poucos espaços verdes existentes na cidade, e Christovam Ayres classificava-o como “bucólico refúgio e um dos mais aprazíveis locais da cidade de Lisboa”.

Considero igualmente que o jardim da Estufa Fria é um local muito aprazível e deleito-me em particular com a diversidade de Ptéridofitos (fetos) que encontro, observo e consigo revelar através de diversos processos fotográficos, idealizando sempre uma conexão com as representações botânicas de outrora, as quais influenciam o meu imaginário.

Impossível percorrer este jardim sem pensar em recolher alguns espécimes de fetos para os colecionar num herbário, contudo tento conceber outras interpretações e idealizar outras formas de os colecionar e imortalizar.

Este jardim encontra-se numa zona calma e protegida dos excessos climáticos pelo ripado que o envolve e o qual nos permite observar este “museu vegetal” sob um véu de luz filtrada que escorre do teto.

Consegue-se, aqui, fazer vegetar e por vezes frutificar plantas das mais diversas procedências, sem que para isso seja necessária a utilização de qualquer sistema artificial de aquecimento. As plantas que se podem observar na Estufa Fria mostram bem a larga gama das condições ecológicas, simbolicamente representadas pelas suas espécies mais típicas.

PARADISE FOUND

atelier imagerie

2020 - 2021 - 2024

Os espaços verdes têm uma importância crucial e crescente dentro das malhas urbanas. Mais do que os aspetos científicos desta importância, são lugares onde se criam e cruzam experiências e memórias individuais e coletivas. Têm ainda a capacidade de nos fazer lembrar a nós, seres urbanos, do lugar de onde vimos, ao qual pertencemos, e dentro do qual vivemos.

O projeto Paradise Found foi lançado pelo atelier Imagerie - Casa de Imagens em 2020, em plena crise pandémica. Neste período em que fomos obrigados a reaprender a forma como nos relacionamos com os nossos territórios e uns com os outros, os jardins foram ainda, paradoxalmente, um abrigo, um local onde nos podíamos sentir seguros juntos, mas separados.

Além disso, a Natureza reivindicou todos os espaços deixados vazios pela suspensão de uma série de atividades humanas. Nós parámos, mas ela não. O som dos aviões deu lugar ao chilreio dos pássaros, as ervas dos passeios puderam crescer a alturas nunca experienciadas, por falta de passos que as subjugassem, ou máquinas que as cortassem, as árvores continuaram ali, como estavam e como estarão, prontas para serem pulmão, abrigo, recreio e sombra.

Este projeto tem como objetivo a promoção da reflexão sobre estes aspetos transpondo-a para obras visuais que enformem as abordagens de cada autor em modos de produção conscientes do impacto que podem ter no sistema sobre o qual refletem e que nesta exposição se materializam em obras criadas, por exemplo, com recurso a materiais orgânicos (na produção das imagens e na apropriação de matérias) que lhes conferem um caráter singular e por vezes, tal como a própria natureza, efémero. Essa foi uma das características que marcou a dinâmica do projeto – algumas das obras não “sobreviveram” ao tempo que esperaram até à oportunidade de serem expostas na Casa do Jardim da Estrela. E, 2024 não é 2020 ou

2021, o mundo mudou e nós com ele. Muitas obras foram recriadas ou reinventadas para serem apresentadas hoje.

Esta exposição coloca em diálogo as propostas de autores participantes na edição de 2020 – Ana Caetano, Ana Filipa Correia,

José Domingos, Magda Fernandes, Sara Rocio e Sérgio Braz d'Almeida – e na edição de 2021 – Atelier Alberto (Hugo RC e Maria Lopes), Mariana Hartenthal, Rita Faia e Vera

Gonçalves. Estas obras têm em comum o facto de terem sido desenvolvidas com base em espaços verdes muito diversos da cidade de Lisboa, tais como a Tapada das Necessidades, o Jardim do Campo Grande, o Jardim das Amoreiras, o Parque Botânico do

Monteiro-Mor, o Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, o Parque Silva Porto (Mata de Benfica), o Jardim Botânico Tropical, a Estufa Fria e o próprio Jardim da

Estrela, que acolhe esta exposição. Estas propostas, tais como os próprios lugares em que se inspiram, têm formas diversas de se manifestarem – além da vertente visual dos espaços, qualidade primeira do tratamento que a fotografia habitualmente realiza, as obras remetem também para a memória, individual ou coletiva, real ou ficcionada,

presente nas próprias imagens ou nas formas de as expor, e para outras dimensões que tão bem a invocam, como a olfativa, a sonora, a literária e a histórica.

CALENDÁRIO DE ATIVIDADES PARALELAS

* oficinas * visitas guiadas * publicação *

imagerieonline.com/paradise-found-2024

IMAGERIE
casa de imagens



Casa
do Jardim
da Estrela